

SABÍ

## Perfil e prática profissional de psiquiatras no Brasil\*

CLÁUDIO L. EIZIRIK<sup>1</sup>, FLÁVIA M. COSTA<sup>2</sup>, JOSÉ R. GOLDIM<sup>3</sup>, TÂNIA M. SANTOS<sup>2</sup>, CHRISTINA GAZAL<sup>2</sup>,  
ROGÉRIO ZIMPEL<sup>2</sup>, EDUARDO D. FERREIRA<sup>2</sup>, ZELIG LIBERMANN<sup>2</sup>, ANA M. MICHELS<sup>2</sup>,  
MADELEINE S. MEDEIROS<sup>2</sup>, MARIA PAZ HIDALGO<sup>2</sup> E MARIA TERESA CAMPOS<sup>2</sup>

Com o objetivo de identificar o perfil profissional de psiquiatras do Brasil, foram escolhidos para estudo cinco Estados representativos de cada região do País (Bahia, Pará, Rio de Janeiro, São Paulo, Rio Grande do Sul, além do Distrito Federal). A amostra consistiu de 430 membros da ABP, que responderam a questionário enviado pelo correio. Os dados foram analisados pelo sistema EPI-INFO. Verificou-se que 76,5% dos psiquiatras estudados fazem ou fizeram supervisão de seu trabalho, 65,1% participam de grupos de estudo, 51,9% submeteram-se a psicoterapia pessoal, 71,2% foram ou são pacientes de psicanálise. Quanto à atividade profissional, 30,2% do tempo são dedicados a instituições públicas, 11,6% a instituições privadas e 48,3% ao consultório particular. Neste, predominam as técnicas psicoterápicas.

### *Professional profile and practice of psychiatrists in Brazil*

*Aiming at identifying the professional profile of Brazilian psychiatrists, five States of each region were chosen (Bahia, Pará, Rio de Janeiro, São Paulo, Rio Grande do Sul, and Distrito Federal), and 430 out of 1,200 members of the Brazilian Psychiatric Association were studied. The study was carried on by means of a questionnaire sent by mail. Data were analyzed by the EPI-INFO system. Post-training activities (76.59% of the sample), personal treatment of the psychiatrists (51.9% under psychotherapy and 71.2% under psychoanalysis) and a private practice in which psychotherapy is the dominant technique (74.6%), were some of the findings.*

Palavras-chave: *Prática profissional; Psiquiatras brasileiros; Perfil.*  
Key words: *Professional practice; Brazilian psychiatrists; Profile.*

## INTRODUÇÃO

O processo de mudança e integração de paradigmas, atualmente verificado em inúmeras áreas do conhecimento humano, tem repercussões diretas nas características pessoais dos profissionais e em sua prática. Na psiquiatria, isso vem

sendo evidenciado, principalmente através de pesquisas junto a profissionais dos Estados Unidos e Canadá (PARIS e col., 1983; FENTON e col., 1984; DORWART e col., 1993).

Através de revisão bibliográfica verificou-se a escassez de estudos, no Brasil, enfocando-se a prática psiquiátrica. Poucas são as informações acerca dos profissionais dessa área, seu número, formação profissional, características da prática, locais de trabalho e orientação técnica (BASTOS e MARTINS, 1979). Na tentativa de preencher parte dessa lacuna, os autores realizaram, no segundo semestre de 1990, um estudo direcionado à caracterização dos psiquiatras do Rio Grande do Sul (EIZIRIK e col., 1991). Encorajados pelo número de respostas e pelos dados obtidos, resolveu-se ampliar o estudo, estendendo-o a outros quatro Estados brasileiros, além do Distrito Federal. A amostra foi selecionada entre a população de sócios da ABP. Ambos os projetos, o apresentado neste trabalho e o referente ao Rio Grande do Sul, integram uma linha de investigação mais ampla que estuda os fenômenos contratransferenciais em várias formas de atendimento psiquiátrico (EIZIRIK e col., 1991b; EIZIRIK, 1994).

O objetivo deste trabalho é contribuir para melhor conhecimento do perfil e da prática profissional de psiquiatras do Brasil.

## MATERIAL E MÉTODOS

Em julho de 1992 foi enviado um questionário aos então 1.200 sócios da ABP, pertencentes a cinco Estados representativos de cada região do País. O instrumento de pesquisa, dividido em duas partes, continha solicitação de dados de identificação (sexo, treinamento pessoal, educação continuada, prática de consultório privado, trabalho em instituições públicas ou privadas) bem como perguntas referentes à conceituação e manejo da contratransferência. O instrumento foi enviado pelo correio, em uma única postagem, incluindo envelope-resposta pré-franqueado, visando garantia do anonimato.

Os resultados foram analisados estatisticamente através do sistema EPI-INFO (OMS), compreendendo estatística descritiva (moda, mediana e desvio-padrão) e inferencial (análise de variância – ANOVA, Kruskal-Wallis e qui-quadrado) de acordo com o tipo de variáveis utilizadas. O nível de significância utilizado foi de 5% ( $p < 0,05$ ).

\* Trabalho realizado no Serviço de Psiquiatria do Hospital de Clínicas de Porto Alegre, Departamento de Psiquiatria e Medicina Legal da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

1. Professor Adjunto do Departamento de Psiquiatria e Medicina Legal da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).  
2. Psiquiatra formado pela UFRGS.  
3. Biólogo do Grupo de Pesquisa e Pós-Graduação do Hospital de Clínicas de Porto Alegre.

A amostra estudada ficou constituída de 430 psiquiatras, 36% da população-alvo. Esta taxa de retorno, com uma única postagem, foi significativa, porém inferior às relatadas por FENTON e col. (1984) e DORWART e col. (1993), nos EUA, e PARIS e col. (1983), no Canadá. Esses autores obtiveram respostas da ordem de 59% e de 67% nos EUA e de 57% no Canadá. Vale salientar que nessas pesquisas os autores realizaram três postagens por indivíduo estudado.

## RESULTADO E DISCUSSÃO

Na amostra de 430 psiquiatras, predominou o sexo masculino (71,6%). As idades variaram de 25 a 78 anos, com média de 43,6 anos (tabela 1). Com relação às idades, não foram verificadas diferenças significativas ( $p > 0,05$ ) entre as diversas amostras comparadas.

A participação do sexo feminino neste estudo (28,4%) foi significativamente mais elevada ( $p < 0,001$ ;  $\chi^2 = 37,33$ ) que a das amostras norte-americanas (16,6%) e canadenses (9,8% e 13,4%) obtidas no início da década de 80. Em pesquisa mais recente, realizada nos EUA, foi verificada elevação nessa participação (19,1%), ainda significativamente inferior à frequência brasileira. Os dados relativos apenas à amostra obtida no Rio Grande do Sul, em 1990, apresentam marca da presença de mulheres no conjunto dos psiquiatras (38,2%), demonstrando tendência de maior participação feminina verificada internacionalmente. Em outras áreas de conhecimento, como na física, por exemplo, esses dados mantêm a mesma distribuição. No Brasil as mulheres com título de doutorado em física correspondem a cerca de 32%, enquanto que nos EUA esse valor atinge 15% (HOLLOWAY, 1993). A maior participação feminina nas áreas científicas, em especial na medicina, tem sido relacionada com tendência à melhora da qualidade do atendimento prestado pelos serviços de saúde, com ênfase na prevenção e na manutenção da saúde, pois tem sido constatada priorização dos cuidados aos pacientes entre as profissionais do sexo feminino (TITTA e col., 1991).

**TABELA 1** – Distribuição por sexo e idade de amostra de 430 psiquiatras brasileiros

Característica	n	fr (%)
<i>Sexo</i>		
Masculino	308	71,6
Feminino	122	28,4
<i>Idade (em anos)</i>		
25-34	78	18,3
35-44	177	41,5
45-54	111	26,0
55-64	36	8,4
65 ou mais	25	5,8

Eizirik, C.L.

A média de tempo de exercício profissional dos psiquiatras participantes do estudo foi de 15,48 anos, variando de 0 a 50 anos de prática, após a conclusão da formação. Estes dados apontam para a ampla abrangência da amostra estudada.

Quanto à formação psiquiátrica, 44,0% da amostra referem residência médica e 67,7%, curso de especialização; 38,9% realizaram residência e curso de especialização, simultaneamente (tabela 2). Observam-se diferenças regionais que podem ser atribuídas à existência de profissionais de residência médica em maior ou menor quantidade nos Estados e à heterogeneidade etária dos psiquiatras (alguns mais velhos só dispunham de especialização). As formas de educação continuada verificadas foram a supervisão e a participação em grupos de estudo. Dos 430 psiquiatras, 75,5% fazem ou fizeram supervisão de seu trabalho com paciente e 65,1% participam de grupos de estudos (tabela 3). Em estudo realizado em Pernambuco, na década de 70, apenas 41% dos psiquiatras tinham título de especialista, 32,1% participavam de grupos de estudo e 30% tinham supervisão (BASTOS e MARTINS, 1979). Os dados atuais demonstram elevação no aprimoramento profissional dos psiquiatras. O reconhecimento da importância de programas de educação continuada é internacional (TITTA e col., 1991). Esses programas são necessários para que os psiquiatras, já formados e em atividade, mantenham e aprimorem seus conhecimentos e habilidades, em

**TABELA 2** – Percentagem da amostra que fez residência médica/curso de especialização/residência mais curso de especialização

	Formação profissional	
	Residência	Especialização
BA	54%	85,7%
PA	40%	100%
SP	55%	48,6%
RJ	25%	87,9%
RS	45%	70,5%
DF	100%	100%

Eizirik, C.L.

**TABELA 3** – Educação continuada

	Supervisão	Grupo de estudos
	BA	46%
PA	60%	60%
RJ	68%	56%
SP	71%	69%
RS	93%	71%
DF	67%	0%

Eizirik, C.L.

campo profissional que apresenta grandes e importantes mudanças e cuja prática continuada desperta com frequência dúvida e ansiedade. Além dos aspectos cognitivos evidentes, a educação continuada contribui para enfrentar manifestações contratransferenciais. Não constavam do questionário perguntas referentes a mestrado e doutorado, que constituem áreas de franca expansão nos anos recentes, o que foi uma falha.

Quanto ao item tratamento pessoal, 51,9% dos psiquiatras respondentes submetem-se ou submeteram-se a alguma modalidade de psicoterapia e 71,2% fazem ou fizeram tratamento psicanalítico. Cabe salientar que muitos psiquiatras buscam modalidades de tratamento pessoal em momentos distintos (tabela 4). Em toda a bibliografia consultada não foram encontradas informações sobre esse aspecto. Os dados obtidos com psiquiatras brasileiros permitem supor que, talvez pela influência da corrente psicanalítica, o modelo de formação profissional vigente valoriza o tratamento pessoal como parte do treinamento. Além disso, considerando que as técnicas psicoterápicas constituem parte considerável do trabalho profissional desses psiquiatras (como se verá a seguir), pode-se supor que a busca de tratamento pessoal também decorre das dificuldades despertadas internamente com tal tipo de atividade, o que possivelmente não ocorre com abordagem predominante de clínica psiquiátrica.

O tempo dedicado às atividades profissionais foi um dos itens analisados. As atividades em instituições públicas ocu-

**TABELA 4** – Tratamento pessoal

	Psicoterapia	Análise
	BA	60%
PA	20%	40%
RJ	37%	72%
SP	56%	71%
RS	58%	72%
DF	33%	100%

Eizirik, C.L.

**TABELA 5** – Distribuição do tempo de consultório de amostra de 430 psiquiatras brasileiros

Atividade	fr (%)
Clínica	25,4
Psicoterapia de orientação analítica	37,3
Psicanálise	15,2
Psicoterapia de apoio	9,4
Psicoterapia breve	6,6
Outras psicoterapias	6,1

Eizirik, C.L.

pam 30,2% do tempo dos profissionais, enquanto as instituições perfazem 11,6%. Houve predomínio nas atividades em consultório privado, com 48,3% do tempo despendido. Vale destacar que apenas 11 psiquiatras (4,1%) não têm atividades em consultório privado, assim como 18 (6,7%) se dedicam exclusivamente a elas. Em estudo realizado nos EUA, em 1988/89, as atividades de consultório ocupavam 45,1% do tempo profissional dos psiquiatras, 38,2% dos quais realizavam apenas atividades desse tipo (tabela 5). Tanto no Brasil como nos EUA, o tipo de exercício profissional mais frequente é o que combina a atividade em consultório privado com a desenvolvida em instituições públicas. Com relação a sexo e tipo de atividade desenvolvida, no Brasil não existem diferenças estatisticamente significativas, enquanto nos EUA as mulheres psiquiatras se dedicam mais ao trabalho em instituições do que à prática privada (DORWART e col., 1993).

A utilização do tempo de consultório privado foi desdobrada em psiquiatria clínica, psicoterapia de orientação analítica, psicanálise, psicoterapia de apoio, psicoterapia breve e outras formas de psicoterapia. Embora cada um desses termos não tenha sido definido no questionário, considerou-se que as respostas expressariam seu uso corrente entre os psiquiatras, como se observa, entre outros, no estudo de OLDFSON e col. (1994). Apenas quatro psiquiatras (0,9%) se dedicam exclusivamente à psiquiatria clínica, enquanto outros 75 (17,9%) não se ocupam deste tipo de atividade. Quarenta e um respondentes (10,2%) têm na psicanálise sua atividade exclusiva e 275 (68,2%) não praticam esta modalidade de tratamento.

As técnicas psicoterápicas foram as modalidades de tratamento mais utilizadas (74,6%), com destaque para a psicoterapia de orientação analítica (37,3%). Esta técnica psicoterápica é praticada, pelos psiquiatras da amostra, com frequência predominante de duas sessões semanais, em 52,6% dos casos.

Tais dados apresentam variações regionais significativas. Assim, no Rio Grande do Sul prevalece a psicoterapia de orientação analítica, enquanto em São Paulo, a clínica psiquiátrica. Tal diferença talvez decorra da intensa participação de analistas no ensino e na prática da psiquiatria e da psicoterapia no Rio Grande do Sul, bem como de longa tradição de publicação e encontros científicos regulares dedicados especificamente à discussão da psicoterapia de orientação analítica. Já o predomínio de clínica psiquiátrica em São Paulo parece decorrer de ênfase corrente na psiquiatria biológica, através de intercâmbios maiores com centros de pesquisas internacionais na área e o desenvolvimento de centros de pós-graduação que privilegiam a pesquisa e o ensino dessa modalidade terapêutica. No entanto, o que chama a atenção na prática psiquiátrica no País é o predomínio de técnicas psicoterápicas de vários tipos (74,6%). Tal constatação é semelhante ao observado em estudo de PARIS e col.

(1983). Pode-se inferir que, a despeito dos notáveis desenvolvimentos da psiquiatria biológica, o modelo da relação médico-paciente influenciado pela teoria psicanalítica foi o predominante nesta amostra de psiquiatras brasileiros. Por outro lado, pode-se argumentar que, dado o delineamento da pesquisa, possa ter havido maior apelo para resposta entre os psiquiatras de orientação psicoterápica. Espera-se, com os dados presentes, contribuir para maior conhecimento de nossa realidade profissional, estimulando estudos futuros que possam ampliar e aprofundar o perfil profissional do psiquiatra brasileiro.

### CONCLUSÕES

Os dados obtidos nesta amostra de psiquiatras brasileiros permitem concluir que:

- A formação profissional mostra grande investimento em termos de estudos pós-graduados *lato sensu* e em programas de educação médica continuada;
- As atividades de supervisão são muito utilizadas, denotando a busca de modelos de identificação profissional;
- O tratamento pessoal é buscado por um número significativo de psiquiatras;
- O consultório privado é o principal local de trabalho, seguido pelas instituições públicas;
- As técnicas psicoterápicas predominam como modalidade de tratamento.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BASTOS, O. e MARTINS, M.C.C.A. (1979). "Esboço de um perfil atual do psiquiatra pernambucano". *Revista da Associação Brasileira de Psiquiatria* 2: 19-29.
2. DORWART, R.A. e col. (1993). "A national study of psychiatrists professional activities". *American Journal of Psychiatry* 149: 1499-1505.
3. EIZIRIK, C.L. e col. (1991a). "O Psiquiatra do Rio Grande do Sul e sua prática de consultório". *Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul* 13: 160-166.
4. EIZIRIK, C.L. e col. (1993). "Observing countertransference in brief dynamic psychotherapy". *Psychotherapy and Psychosomatics* 56: 174-181.
5. EIZIRIK, C.L. e col. (1993). "Uma amostra de psiquiatras do Rio Grande do Sul e São Paulo: perfil demográfico e prática de consultório". *Revista ABP-APAL* 15: 82-86.
6. EIZIRIK, C.L. (1994). "Countertransference: an instrument for understanding". Em: A. Beigel; J.J. Lopez-Ibor e J.A. Costa e Silva (Eds.) *Past, Present and Future of Psychiatry*, World Scientific Publishing Co., Singapore.
7. FENTON, W.S. e col. (1984). "Trends in psychiatric practice". *American Journal of Psychiatry* 141: 346-351.
8. HOLLOWAY, M. (1993). "A lab on her own". *Scientific American* 296: 68-77.
9. OLFSON, M. e col. (1994). "Professional practice patterns of U.S. psychiatrists". *American Journal of Psychiatry* 151: 89-95.
10. TITTA, M. e col. (1991). "The future of psychiatry: psychiatrists of the future". *American Journal of Psychiatry* 148: 853-858.